

"OLHAR O PATRIMÓNIO", POR ANA TORREJAIS

A Torre de Dornes



A torre pentagonal de Dornes – património classificado do Concelho de Ferreira do Zêzere [IIP; Dec. Nº 32973, DG175, de 18 de Agosto de 1943] – ergue-se no centro da Vila com o mesmo nome, junto da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Pranto e do terrim cemiterial, permanecendo alcandorada no cimo de um morro rodeado pelo rio Zêzere. As origens deste imóvel remontam, muito provavelmente, à época romana pois, ao nível do embasamento, subsistem ainda vestígios da construção dessa época. Na verdade, a Torre terá sido erigida sobre um antigo castro, que assim ocupava uma elevação facilmente defensável, localizada perto de um importante curso de água. Actualmente, não subsistem quaisquer vestígios das estruturas castrejas, pois a importância estratégica do povoado levou a que este fosse posteriormente romanizado. A presença romana no local é testemunhada, não só através dos diversos objectos que têm vindo a ser resgatados da estação arqueológica, como por meio de uma lenda que atribui a Sertório a fundação do Castelo da Sertã e da Torre de Dornes, o qual havia construído estas fortificações para sua segurança. Tal como refere Carvalho da Costa: como fez [Sertório] o castello da Certã, faria também esta torre [de Dornes] para sua segurança, por vir a estrada da Certã ter a este sitio, servindo-lhe de ponte a barca de Dornes.

Mais tarde, durante o período de ocupação muçulmana, a Torre de Dornes é integrada no domínio do Castelo de Monsalude, cujas possessões se estendiam de Alvaiázere a Vila de Rei, e

que a tradição coloca na Serra de São Paulo do Beco. De facto, aí têm sido encontrados diversos vestígios arqueológicos, entre os quais algumas sepulturas mouriscas escavadas em afloramento rochosos, para além de existir um ditado muito antigo relativo à má sorte dos mouros, após a perda destas terras em favor dos cristãos: Entre a Serra de S. Pálos / E a Ribôra de Baltã [hoje, Ribeira de São Guilherme] / Fica todo o nosso bái [isto é, toda a “nossa riqueza”]. Portanto, ao tempo da Reconquista Cristã, o território de Monsalude terá sido conquistado aos sarracenos e convertido em reguengo, posteriormente fraccionado em várias parcelas, entregues a diferentes forças administrativas. É desta forma que, no ano de 1200, o rei D. Sancho I doa parte do reguengo de Monsalude a D. Pedro Afonso, filho ilegítimo de D. Afonso Henriques, que nele cria os concelhos de Arega (1201), de Figueiró (1204) e de Pedrógão (1206). A povoação de Dornes, integrada nesta fracção do território, seria entregue por D. Pedro Afonso à Ordem do Templo no ano de 1206. A posição estratégica do povoado conduziria a um reforço da sua importância administrativa, pelo que, a partir de 1225, Dornes é convertida em Comenda. A antiga atalaia é então reconstruída e novamente reaproveitada como estrutura defensiva, passando a Torre de Dornes a complementar o sistema de fortificações da região, juntamente com os Castelos de Monsalude, Murta, Ceras e Tomar. Com a conclusão do processo de Reconquista (1252), o retorno à paz conduziria ao abandono de grande parte das estruturas militares ou ao seu reajustamento a novas funções. Por essa razão, a 22 de Junho de 1536, quando Frei António de Lisboa se desloca à Igreja de Nossa Senhora do Pranto, a atalaia medieval de Dornes havia sido já convertida em campanário, nela se preservando os sinos da vila que aí se mantiveram até aos dias de hoje. Do ponto de vista arquitectónico, a Torre de Dornes conserva o seu plano construtivo medieval, de sólida estrutura pentagonal rematada em abóbada de tijolo e beirado, de cujos vértices irrompem goteiras em forma de boca de canhão. Os muros, delimitados por cunhais, foram construídos em aparelho de pedra calcária e xisto, ligada por meio de uma argamassa à base de barro e pedra miúda. A partir da face Norte, desenvolve-se uma escadaria, que termina num portal de acesso ao interior da Torre. A verga desta abertura foi reaproveitada de uma lápide funerária, em cujo intradorso se encontram esculpidos dois escudos, uma lança e um dardo. O interior é dominado por uma sala ampla, a partir da qual se acede ao campanário, cujos arcos se rasgam nos muros Oeste e Sudoeste. Entre 1961 e 1968, a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais desenvolveu algumas intervenções de consolidação e reabilitação na estrutura do imóvel, pelo que, actualmente, a Torre de Dornes denuncia um estado de conservação razoável. O espaço envolvente do imóvel manifesta-se igualmente bem preservado, tendo sido respeitados os limites do seu enquadramento físico.